

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS**

ROCHELLE DE NEGREIROS PEREIRA

**LITERATURA INFANTIL E A REPRESENTAÇÃO FAMILIAR NAS OBRAS DO
ACERVO COMPLEMENTAR DISTRIBUÍDAS PELO MEC/FNDE PARA AS
TURMAS DO ANO 3 DO PRIMEIRO CICLO - PNLD 2013/2014/2015**

PORTO ALEGRE

2016

ROCHELLE DE NEGREIROS PEREIRA

**LITERATURA INFANTIL E A REPRESENTAÇÃO FAMILIAR NAS OBRAS DO
ACERVO COMPLEMENTAR DISTRIBUÍDAS PELO MEC/FNDE NAS TURMAS
DO ANO 3 DO PRIMEIRO CICLO - PNLD 2013/2014/2015**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Letras, sob orientação da professora Dra. Cinara Ferreira Pavani.

PORTO ALEGRE

2016

**LITERATURA INFANTIL E A REPRESENTAÇÃO FAMILIAR NAS OBRAS DO
ACERVO COMPLEMENTAR DISTRIBUÍDAS PELO MEC/FNDE NAS TURMAS
DO ANO 3 DO PRIMEIRO CICLO - PNLD 2013/2014/2015**

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do grau de Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) à banca examinadora formada por:

Porto Alegre, 13 de dezembro de 2016.

Prof^a Dr^a Cinara Ferreira Pavani
Instituto de Letras - UFRGS

Prof^a Dr^a Gínia Maria de Oliveira Gomes
Instituto de Letras – UFRGS

Prof^a Dr^a Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher
FACED - UFRGS

*Dedico este trabalho
às professoras que lutam pela
emancipação do aluno e pela valorização
da escola pública, dentre tantas,
à minha mãe, Vanira, na qual sempre me
inspirei como educadora, e
à minha companheira, Renata, que esteve
presente em todos os semestres e dias que
culminaram neste texto.*

Agradecimentos

A Universidade me trouxe muito mais que conhecimento e experiências, colocou pessoas no meu caminho. Sonhos e lutas compartilhados que impulsionaram minha formação docente. Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram na construção deste trabalho.

Agradeço minha família, pelo apoio e pela paciência. Em especial, minha mãe, Vanira, por sempre acreditar em mim, me ouvindo e me motivando; minha dinda, Valéria, pela ajuda e prestatividade sempre presentes, mesmo longe; minha avó, Valquíria, por tanta dedicação e incentivo; minha amada, Renata, por sempre despertar o que há de melhor em mim.

Agradeço aos professores que tornaram os semestres mais prazerosos e entusiasmantes. Em especial, à professora Cinara, pelas palavras de apoio e de incentivo, por me orientar na produção deste trabalho, acreditando na valorização da literatura infantil.

*“Emancipem-se da escravidão mental
Ninguém além de nós mesmos pode libertar nossas mentes”*

Bob Marley

RESUMO

Este trabalho analisa as representações familiares presentes nas obras do acervo complementar do PNL D, referente ao triênio 2013/2015, correspondente ao ano 3 do primeiro ciclo. O acervo corresponde ao material didático do PNAIC que tem como um dos eixos promover o acesso a tal suporte. Para tanto, os modelos de Regina Zilberman (2003), servem de base para a análise que visa explorar quais estruturas familiares aparecem nas obras infantis enviadas às escolas da rede pública. As obras foram selecionadas e analisadas de acordo com as representações que exprimem. O trabalho fundamentou-se no conceito de leitura emancipatória de Magalhães (1987) e nas funções da literatura descritas por Compagnon (2010). Considerando a leitura como um direito universal do indivíduo, políticas públicas que garantem seu acesso foram identificadas. A constituição da família embasada a partir de Ariès (1975) favorece a análise das representações. A nova constituição familiar é trazida com o conceito de parentalidade de Roudinesco (2003). As obras selecionadas foram examinadas em sua qualidade literária, levando em conta a figura do narrador e do leitor como sujeito (ISER, 1996). A temática da genealogia e ancestralidade foram recorrentes, utilizando-se da figura dos avós numa perspectiva de valorização da família e dos mais velhos. O sentimento de comunidade aparece em ambientes não-urbanos em três obras analisadas. As fases da vida também surgem como assunto freqüente nas narrativas, evidenciando a importância dos ritos de passagem. A quebra de padrões surge em duas narrativas com caráter emancipatório.

Palavras-chave: Literatura infantil. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Representação familiar. Emancipação.

ABSTRACT

This work analyzes the family representations present in the works of the PNLD's complementary collection, referring to the triennium 2013/2015, corresponding to year 3 of the first cycle. The collection corresponds to the didactic material of the PNAIC that has as one of the axes to promote access to such support. To do so, the models of Regina Zilberman (2003), serve as the basis for the analysis that aims to explore which family structures appear in the children's works sent to public schools. The works were selected and analyzed according to the representations they express. The work it was founded on the concept of emancipatory reading of Magalhães (1987) and in the functions of the literature described by Compagnon (2010). Considering reading as a universal right of the individual, public policies that guarantee their access have been identified.

The constitution of the family based on Ariès (1975) it favors the analysis of representations. The new family constitution is brought with the concept of parenthood of Roudinesco (2003). The selected works were examined in their literary quality, taking into account the figure of the narrator and the active reader as a subject (I SER, 1996). The genealogy theme and ancestry were recurrent, using the figure of the grandparents in a perspective of valuing the family and the elders. The feeling of community appears in non-urban environments in three analyzed works. The phases of life also appear as frequent subjects in the narratives, evidencing the importance of rites of passage. The breaking of patterns appears in two narratives with an emancipatory character.

Keywords: Children's literature. National Pact for Literacy in the Right Age. Family representation. Emancipation.

LISTA DE ABREVIATURAS

LDBEN Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC Ministério da Educação

MST Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra

PNAIC Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

PNLD Plano Nacional do Livro Didático

PNE Plano Nacional de Educação

PNBE Programa Nacional Biblioteca na Escola

UNE União Nacional do Estudantes

Sumário

1 INTRODUÇÃO	10
2 LITERATURA INFANTIL	14
2.1 Breve Histórico da Literatura Infantil.....	14
2.2 Função da Literatura e Formação do Leitor.....	17
2.3 Literatura Infantil, Legislação e Políticas Públicas.....	22
3. FAMÍLIA	26
3.1 Família e Literatura.....	26
3.2 A Constituição da Família.....	27
3.3 Diversas Famílias na Literatura Infantil.....	31
4 REPRESENTAÇÃO FAMILIAR	36
4.1 Modelos de Representação Familiar.....	36
4.2 Análise do acervo do ano 3.....	37
4.2.1 <i>Família e Genealogia</i>	39
4.2.2 <i>Representação de Comunidades</i>	44
4.2.3 <i>Família e Ruptura de Normas</i>	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53

1 INTRODUÇÃO

A escola tem um papel fundamental na formação da criança, pois é onde esta tem acesso aos mais diversos suportes de leitura e a vivências que proporcionam o desenvolvimento da expressão oral e escrita, assim como da reflexão sobre o mundo. Uma prática frequente no planejamento das turmas de anos iniciais é a contação de histórias, seja na sala de aula ou na biblioteca, com a professora regente ou não. Logo, a literatura infantil está presente nas situações escolares cotidianamente e se faz necessária uma análise das obras que os estudantes em formação leitora têm acesso.

É na vida escolar que a criança experiencia formas de convivência distintas daquela que conhece, através da interação ocorrida nas atividades com caráter perceptivelmente educacional. O trabalho pedagógico utiliza-se intensamente de livros infantis para envolver o estudante na rotina escolar e desenvolver o gosto pela leitura e a reflexão sobre os mais diversos aspectos. Por isso, a importância de diferenciar as obras que promovem a autonomia e a criticidade daquelas que impõem moral e valores conservadores. Afinal, é na leitura e nas descobertas que essa proporciona que a criança desenvolve seu senso crítico e estético, desvendando curiosidades e mistérios, podendo buscar informações sobre qualquer assunto, conhecendo os lugares que deseja e se colocando dentro da história.

Tendo em vista o quanto a família influencia no desenvolvimento e na formação do caráter do indivíduo, será analisada de que forma essa representação acontece nos livros enviados pelo PNLD referente ao triênio 2013-2015 às salas de aula do terceiro ano dos anos iniciais do ensino fundamental. O exame de tais obras se dará a partir dos conceitos de Ligia Cademartori Magalhães (1987, p. 54) de obra emancipatória, como aquela que “propicia experiências” futuras, e obra convencional, que não “redimensiona criticamente”.

Assim, a representação familiar¹ é o centro do debate neste trabalho que busca examinar tais características em livros que abordem explicitamente a temática da família ou não. Levando em conta a transformação da configuração das famílias, o presente trabalho preocupa-se, também, em encontrar obras que apresentem as mais diversas formações familiares e em descobrir como as mesmas são abordadas nas histórias infantis. Elisabeth Roudinesco (2003) servirá de referência no que corresponde a conceitos das novas

¹ O conceito de representação familiar corresponde à presença ou não da figura parental, a partir do estudo das práticas culturais, neste trabalho explícitas nas narrativas.

configurações familiares e a visibilidade que essas conquistaram.

A qualidade das obras ofertadas às crianças nas escolas precisa dar conta das temáticas atuais e colaborar na formação da criança como uma leitora crítica e emancipada que interpreta o texto a partir de uma perspectiva individual, relacionando-o com o mundo não-ficcional. É na literatura emancipatória e na sua função subversiva (COMPAGNON, 2010, p. 35) que a criança entra em contato com a quebra de padrões e a produção do novo. A obra emancipa o leitor quando possibilita uma interpretação autônoma e aberta, podendo utilizar a voz do narrador como uma ferramenta para que isso aconteça.

Mesmo com a tecnologia e a mídia oferecendo tanta variedade de escolha para as crianças, alvo da provocação do consumismo, a literatura infantil mantém um papel essencial no desenvolvimento dessas. A vivência da leitura nos proporciona algo singular que está relacionado diretamente com o nosso interior. Conforme Antoine Compagnon (2010, p. 35), incidindo na constituição do caráter do sujeito, a literatura apresenta uma função social e atinge o comportamento humano e as relações interpessoais. Nesse sentido, as obras literárias utilizadas nos espaços escolares devem cumprir um papel social, mantendo seu caráter artístico e literário.

O gosto pela leitura cresce a partir de experiências positivas nas quais a fruição é intensa, assim como na instrumentalização no sujeito que amplia seu conhecimento de mundo, estabelecendo relações com o que até então conhecia. Proporcionar tal desenvolvimento é função da escola que deve visar à formação de sujeitos ativos na construção de uma sociedade livre de preconceitos e opressão.

Sendo assim, analisar as representações familiares é importante para que se reflita sobre qual estrutura de família está sendo utilizada como material pedagógico. Como embasamento para essa verificação, os três modelos de família representados na literatura infantil – o modelo eufórico, o modelo crítico e o modelo emancipatório –, que Regina Zilberman (2003, p. 207) apresenta, serão direcionadores deste trabalho. O objetivo é identificar qual tipo de representação familiar cada obra, dentre as selecionadas, apresenta.

A seleção foi feita de acordo com a temática do trabalho, logo, os sessenta títulos que compõem o acervo foram lidos e separados de acordo com as representações familiares. Os títulos citados do acervo compõem o anexo deste trabalho. As obras que tiveram suas representações analisadas de forma mais específica foram: *A árvore da família*, *A rainha da bateria*, *A pipa e a flor*, *A menina, o cofrinho e a vovó*, *Canção dos Povos Africanos*, *Histórias de avô e avó*, *Os guardados da vovó*, *Um por todos, todos por um: a vida em grupo dos mamíferos* e *Viagem ao mundo indígena*. Esses nove livros foram escolhidos por causa de sua diversidade de representações familiares, entre elas a formação padrão, a figura dos avós e a formação em comunidade.

Além disso, numa perspectiva política, o trabalho pretende investigar que leis existem para garantir o acesso à literatura. É essencial que haja investimento na educação para que a formação leitora ocorra com qualidade de desenvolvimento. O leitor que sai da escola deve ter a competência leitora de relacionar os diversos textos presentes no cotidiano e deve atuar com sua expressão oral e escrita. Atuar de forma política também, afinal, a sociedade necessita que todos participem de sua construção.

A constituição de sujeitos ativos na sociedade depende bastante de uma formação de leitores capazes de compreender os diferentes modos de expressões da linguagem, agindo de forma crítica, reflexiva e emancipatória. Considerando que o livro didático não responde às necessidades da faixa etária, é indispensável que haja material que desperte na criança estudante o interesse em descobrir e em vivenciar novas situações. A formação do professor não é menos essencial, porque é a partir do planejamento feito pelo docente que as crianças terão acesso aos livros e às histórias – momento crucial na aprendizagem da leitura.

A relação que o estudante mirim tem com o processo de leitura define sua formação enquanto leitor. Livros que provoquem o interesse dos alunos nem sempre são frequentes em sala de aula que muitas vezes possuem uma caixa com livros finos de material frágil e de péssima qualidade estética. Da mesma forma, os materiais nem sempre são bem aproveitados nas práticas docentes, afinal com gibis e revistas já é possível realizar atividades de produção oral e escrita. Assim, a qualificação do espaço escolar e sua valorização são importantes para que a escola transforme sua prática pedagógica dando sentido à aprendizagem e substitua a imposição de valores e normas por uma construção de todos.

Portanto, este trabalho apresenta três partes: a primeira que trata da Literatura Infantil, sua história, suas funções e importâncias e das leis que garantem o direito à leitura aos estudantes em formação leitora; a segunda parte discorre sobre o conceito de família, refletindo sobre sua constituição histórica e sua incidência na literatura infantil; e a terceira parte, a análise das obras do acervo 3 do PNLD que expõem uma relação familiar em três esferas de representação – racial, parental e intelectual.

De forma descritiva, a pesquisa tem uma abordagem qualitativa, sendo elaborada a partir da bibliografia levantada sobre o assunto. Para isso, os livros do acervo foram lidos e selecionados de acordo com o intuito do trabalho. Dezesete (17) obras foram coletadas para que a análise pudesse ser realizada, de forma a contemplar os aspectos procurados pela pesquisa. Em apêndice, consta a relação de obras do acervo selecionadas para o trabalho.

2 LITERATURA INFANTIL

2.1 Breve Histórico da Literatura Infantil

A literatura infantil surge estritamente ligada à pedagogia já que é na constituição da família burguesa que a criança adquire uma colocação específica nas camadas da sociedade. Até o século XVII a criança não recebia nenhuma atenção diferenciada, trabalhando e vivendo da mesma forma que os adultos. A privacidade não era valorizada, nem a vontade individual, pois o que prevalecia eram os laços de parentesco que garantiam o direito à herança. O afeto não era importante e a taxa de mortalidade infantil alta, afinal as crianças não eram cuidadas e, muitas vezes, eram mal tratadas. Também não havia diferenciação entre crianças e adultos no momento de contação de histórias; as que eram narradas aos adultos eram as escutadas pelas crianças.

A partir do surgimento do Estado moderno e da ascensão das instituições da família e da escola, a literatura infantil aparece como uma ferramenta de propagação e manutenção de valores burgueses: individualismo e propriedade privada. Mas é com a chegada do século XVIII que a infância se constituiu como um momento especial de formação do indivíduo que necessita de tratamento diferenciado. As crianças receberam atenção específica e diversos aspectos foram se modificando, sendo um deles o surgimento de uma literatura voltada exclusivamente ao público infantil.

Tendo um fim didático, essa literatura serviu de aparato ideológico e colaborou na perpetuação de valores burgueses e cristãos. José Nicolau Gregorin Filho (2009, p. 28) aponta como paradigmas vigentes o nacionalismo, o intelectualismo, o tradicionalismo cultural e como modelos a serem seguidos, moralismo religioso, exigências de retidão de caráter, de honestidade, de solidariedade e de pureza de corpo e alma, de acordo com os preceitos cristãos. O que o adulto esperava do futuro da criança era abordado nas obras infantis a partir de um didatismo moralizante que impunha um respeito às instituições (família, escola, país).

Os contos de fadas são o início desta jornada com os escritos de Charles Perrault e, posteriormente, dos irmãos Grimm que se apropriaram de histórias da cultura oral e publicaram, direcionando-as ao público infantil. A presença da fantasia é constante e serve duplamente: como representação da impotência da criança que depende de um ser mágico para evoluir e como ferramenta de interpretação do mundo. Então, as crianças aparecem na centralidade das histórias, como, por exemplo, *Alice no país das maravilhas* de Carroll em 1865 e, no início do século XIX, *Peter Pan* de Barrie que teve a peça apresentada em 1904 e o primeiro livro publicado em 1906 e *O mágico de Oz* de Baum em 1900.

Não excluindo a importância do papel do adulto, as novas histórias deram origem a obras que até os dias atuais são referências na área e são utilizadas como recurso pedagógico. A inserção do universo da criança nas narrativas infantis nem sempre valoriza os interesses da faixa etária, por isso é necessário analisar de que forma ocorre a representação da criança e de suas ações.

No Brasil, os principais autores, a partir do final do século XIX, foram Júlia Lopes de Almeida, Alberto Figueiredo Pimentel, Adelina Lopes Vieira, Manuel Bonfim, entre outros. Porém, foi com a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920) que Monteiro Lobato revolucionou a literatura infantil brasileira abordando novas temáticas e dando voz à criança. Sua obra valoriza a opinião das crianças e inova trazendo assuntos como os problemas sociais da época, o etnocentrismo, o conservadorismo, entre tantos. Na proposta de Lobato, percebemos um interesse em chamar a atenção da criança através do uso do lúdico e da intertextualidade, divertindo a criança e colocando-a numa posição na qual pode exercer uma postura reflexiva acerca de suas descobertas sobre o mundo e expressar seus pensamentos.

Posteriormente, outros autores demonstraram uma preocupação com o gênero infantil e produziram obras que seguem a proposta de Lobato, valorizando a curiosidade natural da criança. Podemos apontar como exemplos de cânones da literatura infantil Ziraldo, Pedro Bandeira, Fernanda Lopes de Almeida, Lygia Bojunga Nunes, Ana Maria Machado, Ruth Rocha. Tais autores trazem a perspectiva da criança a partir do imaginário infantil, comumente com uma linguagem lúdica. A questão da formação da identidade é problematizada e novas temáticas surgem, como as questões de gênero, raça, sexualidade, consumismo, meio ambiente e sustentabilidade. Com o advento da tecnologia, os recursos gráficos se aprimoraram e os livros infantis puderam intensificar o uso desse recurso como uma parte do ideal artístico da obra. Muitos livros não têm expressão escrita, sendo compostos somente de desenhos, texturas e artifícios gráficos variados, como fotografias e texturas.

2.2 Função da Literatura e Formação do Leitor

O prazer da leitura é peculiar a cada pessoa que descobre na literatura um mundo amplo de possibilidades. São várias as funções da arte literária e de seu alcance indescritível. A incessante tarefa de despertar o leitor ativo dentro dos estudantes deve utilizar-se da literatura como uma grande aliada. De acordo com Compagnon (2010, p. 35), a literatura ajuda na compreensão do comportamento humano e da vida social, assim como cumpre uma função de aprendizagem representando a realidade e as consequências das ações dos indivíduos e definindo uma moral social esperada por parte da sociedade. A literatura sempre serviu como formadora de valores na sociedade, afinal, é um instrumento forte na (trans)formação do mundo e das pessoas.

Da mesma forma acontece na literatura infantil que proporciona a seu público um alcance mais extenso por conta de seu caráter maravilhoso. No gênero em questão podemos identificar uma relação muito próxima com a pedagogia, pois essa se utiliza daquele para atingir seus objetivos. Para Zilberman (2003, p. 46), a literatura infantil apresenta uma duplicidade em sua natureza: possui a óptica do adulto sem deixar excluído o interesse da criança. De acordo com a autora, é por conta do caráter pedagógico que a literatura infantil é desprestigiada, muitas vezes não sendo considerada como arte da mesma forma que a literatura adulta. Porém, contém dois elementos conjuntamente que a pedagogia não possui: uma história e a linguagem. A autora ainda considera esses dois elementos como auxiliares no entendimento do mundo, pois as relações retratadas da realidade ajudam a criança a perceber aquilo não antes compreendido. A linguagem proporciona um alargamento do domínio linguístico, tendo assim um papel mediador no processo de compreensão do mundo pela criança. É através dela que a criança interage com o mundo a sua volta, comunicando-se e descobrindo a forma como esse ocorre.

Com isso, a aquisição do saber está intrínseca nas obras infantis e possibilita um desenvolvimento cognitivo do leitor, além de servir como forma de experimentação do mundo. É a função formadora que produz esse efeito sem ser, exclusivamente, pedagógica. Através do contato com o real, o leitor se forma e interage com o mundo que lhe é privado ainda devido a sua condição de criança.

Por isso a fantasia tem um papel essencial nestas produções literárias, cumpre uma função de suporte naquilo que é desconhecido para a criança e auxilia a organizar novas descobertas, conforme salienta Kurt Werner Perker (apud ZILBERMAN, 2003, p. 49). A literatura infantil não é menos arte, sendo, portanto, especial, e apresentando uma extensa margem de assuntos a serem abordados de inúmeras maneiras, tendo um público leitor diferenciado, porém, não menos exigente. A fantasia e a pedagogia fazem parte da arte literária infantil de forma positiva. O caráter maravilhoso do gênero, além de auxiliar no contato com o real, desperta a curiosidade e o interesse das crianças que ampliam, assim, seu universo cultural. Desse modo, conhecemos meninos que não crescem e podem voar, bonecas falantes e muitos animais que têm vidas interessantes. Os seres mágicos são recorrentes e tudo pode virar uma personagem com vida e personalidade.

É preciso que o valor artístico de uma obra infantil seja relevante tanto nas produções quanto nas escolhas para leitura, que geralmente são realizadas pelos adultos. A construção da literariedade, necessária à obra infantil, pode se auxiliar do caráter maravilhoso do gênero, que não pode ser destituído das características de uma produção literária somente porque é destinado a crianças. É este espaço que permite a grande criatividade nas produções, como se pudessemos usufruir do sentido literal de liberdade e narrar qualquer história. O uso do lúdico, rimas, brincadeiras e outras formas de transformar a leitura num ato prazeroso que proporciona conhecimento e sensações novas cumprem um papel principal no gênero infantil e infantojuvenil.

Para Zilberman (2003) é importante que a obra intente à criança a um posicionamento em relação ao que lhe está sendo apresentado. É nesta interação com a obra que se constitui um leitor crítico e ativo na sociedade. Será a forma de comunicação entre livro e leitor que indicará sua qualidade e caráter emancipatório. Para isso, é preciso acesso a livros que produzam tal efeito a seus leitores. A fruição tem papel central neste sentido, afinal o gosto pela leitura depende de boas memórias em relação a tal processo. Assim, a forma como se procede à leitura na escola e na família contribui ou não para a formação de leitores.

Os professores devem conhecer o público leitor e oferecer livros que mostrem os diferentes sentidos que a literatura possui, promovendo o desenvolvimento das competências compreensiva e sensitiva. A escolha das obras neste momento de constituição do indivíduo é de suma importância para que tais memórias sejam concebidas e leitores autônomos sejam formados.

A liberdade de interpretação que o livro infantil pode promover também influencia diretamente na constituição de leitores críticos, pois desenvolvem a habilidade de compreensão do mundo de forma plural, percebendo as vastas possibilidades que uma leitura pode ter. De acordo com Wolfgang Iser (1996, p. 15) “o texto literário é considerado, por conseguinte, sob a premissa de ser comunicação. Através dele, acontecem intervenções no mundo, nas estruturas sociais dominantes e na literatura existente”.

Para esse autor, o leitor é o norteador da leitura, pois, através das suas faculdades humanas, elabora o seu texto. Por isso, a leitura é um ato singular. Cada leitor tem sua bagagem de experiências e, ao entrar em contato com o texto literário, se desenvolve como sujeito, preenchendo os espaços de interpretações que lhe são permitidos. A produção de sentidos ocorre, através da imaginação e da identificação que, de acordo com o autor, são desencadeadas pela leitura, sempre direcionada pelo leitor.

A “interação entre texto e leitor” desenvolvida por Iser (1996) é fator de grande relevância nesta análise que visa investigar como é proposta a representação da criança e da família em livros em que o público leitor é infantil. O “espaço vazio”, outro conceito do autor, é um dos elos dessa interação, que propicia uma relação de diálogos.

A escola serve de mediadora na formação de leitores e proporciona inúmeras experiências de letramento que devem culminar na constituição de indivíduos participantes na sociedade. Porém, infelizmente, muitas vezes, a leitura não chega às crianças objetivando sua fruição. A forma como a leitura é abordada na escola, muitas vezes, ainda não contribui para a formação de leitores emancipados. Nem sempre o estudante tem sua percepção singular respeitada; infelizmente ainda faz parte do cotidiano escolar a expectativa por respostas “corretas” e por um padrão de interpretação. Contudo, as práticas escolares são inúmeras e as transformações, apesar de lentas, acontecem. O didatismo pode ser substituído por práticas de interação nas quais a pluralidade cultural seja valorizada e a experiência de leitura seja prazerosa e instigante, provocando curiosidades e procura por mais leituras.

Entende-se por didatismo e pedagogismo como prejudiciais à experiência de leitura pois trazem somente fins educativos. Maria Helena Zancan Frantz (apud TELES & SOARES, 2013) aponta, também, o moralismo e a visão fechada de mundo como características a serem evitadas nas produções infantis. A transmissão de normas corresponde ao moralismo que, constantemente, impõe um modelo a ser seguido.

Além disso, o autor identifica o adultocentrismo e o paternalismo como negativos nessas obras as quais devem ultrapassar a ideia de sobrepor os valores adultos aos valores do mundo infantil. Não por isso o infantilismo deva ser utilizado, afinal, corresponde à inferiorização da criança e, conseqüentemente, da literatura destinada a elas. Nem evidenciar o mundo adulto, nem representar a criança como menos capaz; os livros infantis precisam mostrar o ponto de vista da criança para que ocorra, dessa forma, a identificação por parte do leitor.

De acordo com Teresa Colomer (apud VASQUES, 2007, p. 294), a partir da década de 1980, a interação entre leitor e texto já era salientada e novas temáticas versadas. A nova literatura infantil e infantojuvenil possui uma mistura de elementos literários diferentes, intertextualidade e intenso uso de recursos não-verbais. A intertextualidade pode ser comprovada com a diversidade de livros que fazem referência aos contos de fadas, como *Chapeuzinho Amarelo* (BUARQUE, 2012), *O lobo não morde* (GRAVETT, 2013), *Chapeuzinhos coloridos* (TORERO, 2010), entre tantas outras histórias que se aproveitam de personagens conhecidos para criar um ambiente familiar e poder, então, reinventar a história. É uma ruptura com o padrão, é a literatura funcionando como um “jogo imaginativo” (COLOMER, 2003; apud VASQUES, 2007, p. 294) que permite renovar os sentidos e brincar com a linguagem, utilizando-se de humor, ambigüidades e contradições. O uso de recursos não-verbais também promove um contato íntimo entre leitor e obra literária. Recursos visuais ou táteis estabelecem uma relação integral com o livro que ganha dimensões amplas e artísticas. As ilustrações muitas vezes são o centro da obra e servem unicamente como narrativa. São recursos próprios do gênero que despertam a imaginação do leitor iniciante. As mídias que as crianças têm acesso são diversas e o livro infantil não deixa de se renovar. Porém deve haver cuidado no uso de recursos para não subtrair o caráter literário do livro.

De acordo com Zilberman (2003), o leitor emancipado é aquele que constrói suas normas pessoais, a partir das experiências de leituras que lhe dão suporte para novas experiências. Diferente da leitura autoritária que transmite um modelo de valores, a leitura emancipatória visa à formação de indivíduos reflexivos em relação à sociedade e em relação a si mesmo. A origem de transmissão de normas da literatura infantil deve ser ultrapassada e renovada por uma concepção de leitura libertadora. A construção do saber que ocorre pela leitura demarca o caráter de conhecimento que a literatura tem e, portanto, pode formar indivíduos capazes de analisar o mundo e rever os valores dominantes e a imposição de padrões.

2.3 Literatura Infantil, Legislação e Políticas Públicas

Muitas vezes o sistema capitalista em que vivemos impossibilita o acesso ao conhecimento e à leitura, em vista de seus mecanismos de opressão. Portanto, é papel de todos que buscam uma igualdade de direitos e de acesso à educação lutarem por melhorias no sistema de ensino brasileiro.

O país sempre ocupa as piores colocações no *ranking* sobre educação, leitura e valorização dos profissionais da educação. Tal fato é reflexo do que a educação significa para esta ideologia: mercadoria. Quanto menos conhecimento as pessoas têm, melhor para a classe dominante que vende uma educação competitiva e mercadológica. A escola tem um papel fundamental na formação de cidadãos ativos politicamente e é necessária a luta pela implementação de leis que garantam o acesso ao conhecimento de forma igualitária.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN/1996 determinou a regulamentação do Plano Nacional de Educação e incumbiu a União de executá-lo em colaboração com os Estados e Municípios. Em 2001, foi decretada a lei nº 10.172/2001 que instituiu o Plano Nacional de Educação com vigência decenal. A ideia de um plano nacional de educação já existia desde 1932 (COMISSÃO DE EDUCAÇÃO) e em 1934, no Artigo 150, surgiu a primeira referência ao PNE. Em 1997, a consulta à Proposta da Sociedade Brasileira revela o caráter social da construção destes direitos. A articulação entre os setores da educação sempre foi primordial para que ocorressem tais conquistas. O I e o II Congresso Nacional de Educação, em 1996 e 1997, respectivamente, organizados pelo Fórum Nacional de Professores já apontavam o caráter de construção participativa.

Sabemos, no entanto, que os esforços financeiros realizados nem sempre são os necessários. Por isso, a implementação de leis torna-se uma tentativa de garantir o investimento em educação pública, formação de professores e profissionais da educação. No início do século XXI, nossos índices de formação superior ainda eram muito baixos e não existiam programas que garantissem seu acesso por aqueles das camadas mais pobres da sociedade. A oferta na educação infantil era mínima, e, ainda que hoje não seja o suficiente, é visível o avanço nas políticas públicas de ensino com a obrigatoriedade da oferta escolar para crianças a partir dos quatro anos de idade, com a Lei nº 12.796/2013.

Já passamos por dois PNE e muitas análises podem ser encontradas sobre os efeitos e resultados da implementação do mesmo. Entendo este ponto como primordial em relação à questão da formação de leitores, pois é importante que se mantenha um programa sério que consiga fomentar a leitura e a expressão escrita nas escolas, principalmente nas escolas de periferia, das classes mais pobres, que não podem dar acesso ao letramento. Em 2012, com a portaria 867, o PNAIC é instituído, podendo os estados e municípios aderirem ou não ao programa, garantindo apoio gerencial para executá-lo.

O PNE de 2011 foi reescrito e demorou para ser aprovado, tendo a duração de dez anos e vinte metas a serem cumpridas até 2020. Em 2014, os distintos setores sociais articularam-se na sua construção através da Conferência Nacional de Educação realizada em Brasília (MEC,2014), de 19 a 23 de novembro e contou com a parceria de associações de universidades, de setores que pautam a causa gay, a causa indígena. A confederação da associação de pais e alunos também compôs a conferência ao lado do Conselho Nacional de Educação e outros movimentos sociais como o MST e a UNE, por exemplo. Para tanto, cada meta possui estratégias específicas que dependem de esforços dos governos e de investimento financeiro para materializar os objetivos pretendidos.

A partir da meta número 5 – alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do terceiro ano do ensino fundamental – se fortalece o PNAIC que pretende assegurar que toda criança avance dominando o código da língua escrita. Um dos princípios desse pacto é desenvolver a capacidade de leitura e o conhecimento de diferentes gêneros discursivos, além da ludicidade ter um papel básico nas condições de aprendizagem. Nesse programa, uma articulação entre União, Estado e Município é primordial para que os recursos sejam bem direcionados e ocorra a valorização do professor de alfabetização, que muitas vezes não tem formação de nível superior, e muitos que possuem, não são de qualidade.

Além da formação de professores, o pacto possui mais três eixos de atuação: materiais didáticos, avaliações sistemáticas e gestão, mobilização e controle social. O envio de obras literárias às salas de aula se articula ao programa, gerando dessa forma uma possibilidade de mudança nas práticas de leitura nas salas de aula. Com a meta número 7 – fomentar a qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades, com melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem [...] - uma estratégia de ampliação dos programas suplementares de material didático é formulada (7.17) e outra que visa à formação de leitores e leitoras (7.33) em acordo com o Plano Nacional do Livro e da Leitura.

Através do PNLD, os materiais selecionados chegam às escolas. Neste trabalho, analisarei as obras enviadas pelo PNLD às escolas que estavam no censo (MEC, 2016) e receberam um acervo de livros infantis para fazer parte da biblioteca da sala de aula. Esse acervo é composto por obras tanto de autores brasileiros quanto estrangeiros, que apresentam um selo na capa indicando em qual ano do ensino fundamental o livro deve permanecer. De acordo com o INEP (2014) são 15.764.926 alunos matriculados no ano de 2013 nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Um guia das obras compõe o material enviado às escolas no período entre 2013 e 2015, com suporte didático e teórico, além de dados sobre os programas de material didático. Diferencia-se dos outros programas por se tratar de obras direcionadas às crianças, e não ao docente. Ao todo, são 180 títulos enviados ao primeiro ciclo de ensino fundamental com o objetivo de uso diário. Sendo 60 livros para cada ano-ciclo, compondo o acervo um e o acervo dois.

O PNAIC entra como uma articulação importante entre as escalas de governo e secretarias de educação as quais devem atuar impulsionando a formação de leitores e o uso de livros literários na rotina diária das salas de aula. Com os livros pertencendo a cada turma, os alunos são levados ao sentimento de cuidado, criando um ambiente de organização coletiva importante na formação de estudante enquanto sujeito de sua aprendizagem. A pesquisa voluntária, a leitura por deleite e o livre manuseio do livro sem ter obrigação de “ler” pode ser promovido a partir dessa aquisição de um volume de obras suficiente para uma sala de aula com, em média, vinte e cinco crianças. Os eventos de letramento (SOARES, 2002, p. 145) proporcionados pela inclusão na sala de aula de uma caixa com livros para todos os alunos são essenciais numa proposta que pretende a formação de sujeitos autônomos e ativos na sociedade.

É dever do estado e da sociedade, incluindo a escola, dar acesso à leitura, portanto o programa promove um direito do educando. Um dos eixos estruturantes do PNAIC é a composição de material didático que, além de livros literários, envia dicionários e jogos para serem utilizados pelas turmas. Porém, de nada adianta a turma ter acesso ao material se esse for de qualidade ruim ou, ainda, que não desafie o uso das competências de leitura e de interação com o livro que a criança possui. Afinal, o desenvolvimento numa perspectiva autônoma se dá através de situações de aprendizagem que atinjam a zona de desenvolvimento proximal, conceito desenvolvido por Lev Vygotsky (RABELLO & PASSOS) elevando o alcance de sua produção de conhecimento. Por isso, a escolha das obras deve ser realizada com cuidado por um profissional que conheça a realidade da escola e os interesses dos alunos. Assim como, saiba analisar a qualidade estética e literária da obra, examinando seu discurso, suas ilustrações e seu projeto gráfico.

3. FAMÍLIA

3.1 Família e Literatura

Para compreender melhor a importância do conceito família, atualmente, é preciso refletir sobre sua constituição histórica e ideológica. Considerando os valores burgueses impostos pela mídia e sistema vigente, se faz necessária uma análise de como tal conceito ainda é evidenciado na sociedade. E, dessa forma, utilizar as definições para analisar as obras e as representações familiares ocorridas. Frequentemente, a palavra família é usada para falar de relações pessoais, de companheirismo, de vida em sociedade para destacar a importância de constituir laços afetivos interpessoais. Porém, há um discurso que se aproveita da origem do termo família para inferiorizar outras formações familiares que não aquela convencional – casal heterossexual e filhos. Os núcleos familiares podem ter diferentes configurações e é do interesse deste trabalho que se conheça mais sobre tal fato para relacionar, posteriormente, com as obras selecionadas.

Para a criança, a família é o seu primeiro mundo no qual aprende a se relacionar com outros indivíduos, desenvolve valores morais e constitui sua visão sobre as coisas. É a partir da vivência familiar que a criança constrói e diferencia conceitos como o certo e o errado, o bom e o ruim, pois lhe é dito o que é permitido e o que não é. É a referência de sociedade que a criança possui. Identificar-se nas narrativas infantis é relevante para a sua formação, assim como descobrir na diferença entre as pessoas o fundamento da sociedade.

Magalhães (1987, p. 43) explica o sujeito consciente como aquele dotado da razão e caracterizado pela reflexividade; e o sujeito inconsciente como aquele inconformado, que não controla a linguagem e busca o entendimento de seu interior. Quando não há a valorização do sujeito inconsciente, de acordo com a autora, a criança não se reconhece no modelo padrão que lhe é apresentado e também ignora os processos materiais, pois lhe é negado o caráter político e econômico. A criança não compreende, ainda, o processo político que impõe o padrão e entende que esse deve ser seguido.

A construção de uma imagem a ser seguida é prática do sistema do capital que necessita promover o consumo e a padronização dos indivíduos, demarcando o que é ruim e o que é bom. Exemplo disso, é a resposta que recebemos quando ao perguntar a uma criança que livro ela gostaria de levar para casa, podendo escolher entre: um livro de personagem conhecidas em filme ou outro livro com personagens ainda não vistas.

A maior parte das crianças não escolhe apenas algo que conheça ou que lhe seja seguro, pois mesmo sabendo que a história do livro pode ser a mesma do filme ou que nem haja história, somente imagens para pintar, ela escolhe pelo valor social que aquilo possui. A construção do padrão é uma problemática que se relaciona diretamente nas produções literárias infantis. O indivíduo precisa se reconhecer não só na sua reflexividade, mas também na sua linguagem e sua dimensão simbólica, conforme Magalhães (1987, p. 46).

A família é temática recorrente na literatura, seja adulta, seja infantil. A representação dos valores patriarcais ocorre desde a formação da nossa literatura e, ainda hoje, continua a servir de modelo nos materiais didáticos. Valorizar a diversidade das famílias é primordial para que toda criança se sinta acolhida e respeitada.

3.2 A Constituição da Família

A partir de um estudo iconográfico, Philippe Ariès (1975) discorre sobre a história da formação social familiar. Antes da imagem da família ser fonte de inspiração para pintores e poetas, o ofício e as fases da vida eram a representação do mundo dos homens:

[...] a iconografia tradicional dos 12 meses do ano foi fixada no século XII, tal como a encontramos [...] os trabalhos e os dias. [...] Janeiro (a festa de Reis) pertence ao nobre, diante de uma mesa na qual não falta nada. Fevereiro pertence ao plebeu que volta à casa carregando lenha e se aquece perto do fogo. Maio ora é camponês que descansa no meio das flores, ora um jovem nobre que parte para a caça e prepara seu falcão. Em todo caso, é a evocação da juventude participando das festas de maio.[...]. Por outro lado, trata-se sempre de um rapaz e nunca de uma mulher. (Ariès, 1975. p. 196-197)

O autor destaca que a capacidade da mulher entrou em declínio a partir da Idade Média, quando a mulher surge, aparece como “a dama do amor cortês ou a dona-de-casa” (p. 197). A partir do século XVI a imagem da criança começa a apontar sua participação na colheita, assim como a mulher camponesa, simbolizando a família. De acordo com o autor, o sentimento de família, como temos hoje, nem sempre foi universal e, em sua obra *História social da criança e da família* (1975) Ariès relata, também, a valorização da família tradicional e a mudança gradual para a família moderna.

Antes da formação do modelo familiar, o sistema de linhagem era a formação social existente entre os nobres, que era definida pelos laços sanguíneos, porém não se dava importância aos laços afetivos, nem para a vida privada. A preocupação nesse sistema era manter intactos os bens e as posses da linhagem, por isso os casamentos eram dentro da mesma linhagem. As pessoas da mesma linhagem não se reuniam num espaço comum, pois não havia o sentimento de intimidade.

De acordo com o Ariès (1975, p. 212), “a comunidade aldeã teria sido para os camponeses o que a linhagem foi para os nobres”. Analisando gravuras e pinturas, o autor identifica a emergência do sentimento de família juntamente ao sentimento de infância (ARIÈS, 1975, p. 210). As transformações nas representações iconográficas confirmam o desenvolvimento de uma cultura centrada na união casais e cuidados com o filho. Em período anterior, as crianças não tinham uma atenção especial, eram enviadas à casa de outras pessoas para aprender as boas maneiras e os serviços domésticos. A infância não existia, como já foi apontado em capítulo anterior. Assim que a escola passou a atender além de clérigos, a transformação da constituição da família se iniciou, ocorrendo de forma lenta e gradual.

A educação era domiciliar para a maioria das crianças e, quando a escola começou a ter o papel de formação social, a família passou a ter a função de auxiliar nesse processo. A escolarização surge paralelamente à família como instituição social. Cabe, a partir desse momento, à família promover o desenvolvimento da sua prole:

Os tratados de educação do século XVII insistem nos deveres dos pais relativos à escolha do colégio e do preceptor, e à supervisão dos estudos, à repetição das lições, quando a criança vinha dormir em casa. O clima sentimental era agora completamente diferente, mais próximo do nosso como se a família moderna tivesse nascido ao mesmo tempo que a escola, ou, ao menos, que o hábito geral de educar as crianças na escola. (ARIÈS, 1975, p. 232)

A valorização dos laços surgidos pela convivência e pela intimidade modifica a formação da sociedade e sua organização, demarcando uma responsabilidade sob a educação das crianças. A importância dada ao desenvolvimento dos pequenos faz com que a família se concentre em prol disso. A família começa a se fechar na intimidade doméstica, afinal as crianças não precisam mais ficar longe de casa para estudar. Outra mudança que o autor destaca é quando a ama de leite passa a ir na casa para amamentar ao invés do contrário, como ocorria anteriormente.

Essa transformação de valores trouxe juntamente o moralismo cristão e a imagem da sagrada família na representação iconográfica dessa instituição. A família conjugal nasce atrelada à composição heterossexual. Aquelas que não seguem o padrão não estão de acordo com a moral vigente. Com isso, cada vez mais a mulher vai sendo subjugada e perde direitos. O pai é o possuidor do poder e aquele quem controla a vida doméstica.

Diferente do que ocorreu no período de comunismo fundacional, de acordo com Friedrich Engels (apud OKITA, 2007, p. 29), onde o matriarcado era predominante, as mulheres e os homens tinham um convívio com um comportamento sexual aberto. As relações homossexuais não eram condenadas e havia o respeito entre os gêneros. É a instituição privada que faz o sentimento de posse dissolver-se na sociedade e estabelecer a monogamia como padrão de comportamento.

Engels explica em seu livro *A origem da família, da propriedade privada e do estado* (1980) como as condições materiais geraram a formação de classes e o homem, por conta de suas condições físicas, deteve o controle da produção de animais e bens econômicos. Com o patriarcado, veio a desigualdade econômica e diferenças de condições de vida. A monogamia serviu de ferramenta para a perpetuação do controle masculino. O controle da mulher, ao longo dos séculos chegou a limites extremos, e a formação familiar homossexual censurada. Com os valores cristãos servindo de método para padronização de comportamento, a heterossexualidade conjugal impôs seu modelo de núcleo familiar e, por muito tempo, demonizou qualquer outra formação familiar.

Roudinesco (2003) traz a problemática familiar em artigos sobre a figura paterna, materna, o filho culpado, explicando os conceitos das novas famílias recomposta, monoparental, desconstruída, entre outros. A autora retrata a família como uma instituição duplamente universal por causa do fator cultural e do fator biológico (ROUDINESCO, 2003, p. 16) A diferença sexual marca a ordem do biológico que necessita dos dois gêneros para reprodução. E a proibição do incesto marca a ordem do simbólico, junto a outras ações criticadas. Dessa forma, se excluía do padrão a união homoafetiva como formadora de família.

A luta dos homossexuais foi intensa para que fosse possível o uso da tecnologia a seu favor. Do mesmo jeito essa serviu às mulheres que não queriam manter relações com homens, mas desejavam procriar. O preconceito homofóbico rotineiro dificultou a aceitação de homossexuais como pais e mães. Os setores da sociedade que afirmam que aos filhos de pais homossexuais faltam sempre uma das figuras familiares, não conhecem as pesquisas psicanalíticas que desvendaram diversas situações de abuso em famílias heterossexuais (ROUDINESCO, 2003, p. 188).

A partir de 1970, a palavra parentalidade é utilizada para “definir o pai segundo sua ‘qualidade’ de pai ou sua faculdade de alcançar sua função dita ‘parental’” (ROUDINESCO, 2003, p. 157). Os direitos civis avançam, apesar da grande pressão contra a instituição de leis que favoreçam os homossexuais. É o desejo de família sobre o qual Roudinesco (2003, p. 07) se questiona no prefácio de seu livro, um sentimento universal:

[...] será preciso efetivamente admitir um dia que os filhos de pais homossexuais carregam, como outros, mas muito mais que outros, o traço singular de um destino difícil. E será preciso admitir também que os pais homossexuais são diferentes dos outros pais, Eis por que nossa sociedade deve aceitar que eles existem tais como são. Ela deve lhes conceder os mesmos direitos. E não é obrigando a serem ‘normais’ que os homossexuais conseguirão provar sua aptidão a criar seus filhos.[...]. (ROUDINESCO, 2003, p. 195).

A autora descreve a evolução da família em três grandes períodos (ROUDINESCO, 2003, p. 19): a família tradicional, depois a família moderna, seguida da família contemporânea. A primeira formação corresponde ao casamento arranjado e a segurança de transmissão de bens materiais. O segundo período é aquele em que o amor passa a ser romantizado e valorizado nas formações conjugais, por volta do século XVIII e meados do século XX. Por fim, a constituição pós-moderna que simplifica para a união de indivíduos em busca de relações íntimas.

Ao final do livro, o autor fala sobre a crise do princípio de autoridade no qual a família foi baseada. Apesar disso, surge como a única alternativa de restauração da ordem familiar. Desde que se mantenha o “equilíbrio entre o um e o múltiplo de que todo sujeito precisa para constituir sua identidade” (ROUDINESCO, 2003, p. 199).

3.3 Diversas Famílias na Literatura Infantil

No artigo “Dois papais, duas mães” Kraercher e Silveira (2013) analisam sete obras infantis com a temática da família homoparental – aquela que tem as duas figuras parentais do mesmo gênero - e descobrem como a curiosidade atua no centro das tramas de forma essencial. A maioria das obras se utiliza de clichês, e algumas têm um caráter quase didático, como as autoras relatam (KRAERCHER; SILVEIRA, 2013, p. 1198). Dos livros abordados, as autoras diferenciam aqueles que relatam preconceitos daqueles que romantizam a convivência em sociedade.

É uma temática nova na literatura infantil, de acordo com a análise das autoras (KRAERCHER; SILVEIRA, 2013, p. 1193). Por muito tempo houve a censura que não permitia que tais famílias fossem representadas, além da condenação religiosa. Os livros estudados mostram: três famílias com dois pais homens, duas famílias com duas mães e um casal de mulheres sem filhos.

Além dessas, uma das obras narra uma situação escolar na qual as crianças buscam respostas sobre o amor, questionando o professor de química a respeito da tão ouvida *química do amor*. O professor responde que “no amor não se escolhe. Um dia quase sem dares conta, apaixona-se e é como se tivesse recebido o maior presente da tua vida.” (PENA, 2007). *Por quem me apaixonei?* Narra uma história de crianças que, com naturalidade, combinam casais sem pensar no gênero, e sim pensando nos interesses em comum e tipos de personalidade. Não há uma representação familiar imposta, nem didatismo.

Do mesmo modo, *De onde eu venho* (PENA, 2007), levanta hipóteses a partir de um monólogo de uma menina que reflete sobre sua origem. Aqui nos deparamos com um tema universal que, de forma espontânea, conta como a personagem central tenta descobrir de onde veio, mas sem uma abordagem de diferenciação por ser filha de duas mães. É uma curiosidade recorrente nas crianças (e nos adultos). Também é destacado o livro *Meus dois pais*, de Walcyr Carrasco (KRAERCHER; SILVEIRA, 2013, p. 1195), por desenvolver um enredo de forma desafiadora à criança leitora, deparando-a com situações cotidianas que instigam à descoberta do motivo da separação dos seus pais. Com uma trama mais complexa, abordando aspectos da realidade a narrativa traz situações de preconceito comuns na sociedade.

As autoras concluem que, como esperado, muitas obras têm um caráter didático e tentam explicar como “normais” as famílias homoparentais (KRAERCHER; SILVEIRA, 2013, p. 1203). Sabe-se que a luta dos homossexuais por direitos reais e aceitação pela sociedade no cotidiano ocorre no maior número de esferas possíveis, e a publicação de livros que abordem a temática, principalmente de forma natural (em vez de *normal*) é essencial para a conquista de um mundo mais igualitário no tratamento do outro.

Também se identificam nas obras analisadas um atravessamento da diferença étnica (p. 1204) no qual três personagens principais são negras. A representação se dá de forma ilustrativa sem explicar na escrita a diferença, havendo uma naturalização de tais representações, fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e com mais respeito.

Flávia e bolo de chocolate (LEITÃO, 2015) conta uma história na qual é representada uma família com uma mãe e uma filha somente, proveniente de um processo de adoção. A menina se sente incomodada com a sua cor por causa de situações de preconceito que sofre e sua mãe lhe mostra que a cor marrom tem muitas coisas boas. Nesta obra de Leitão, há duas temáticas familiares: a adoção como prática de constituição familiar e a cor da pele como diferença entre os indivíduos.

Outra história de adoção é encontrada no livro *Você pertence à nossa família – história de uma adoção* (HUAINIGG, 2008) que narra o aniversário de um menino. Um aniversário, não de seu nascimento, mas de sua chegada à família adotiva. As memórias dos pais são ativadas e o dia em que a criança, ainda bebê, chega à família é contado. Assim, a representação da constituição da família via adoção mantém o casal heterossexual branco como padrão.

Um livro premiado na Alemanha, *É tudo família* (KUHL; MAXEINER, 2011), apresenta muitas composições familiares sem contar uma história exatamente. Muitas ilustrações nos mostram como as famílias podem ser formadas por mais de um pai ou mais de uma mãe, além daquelas que tem como autoridade os avós ou tios. Também são representadas as famílias que possuem somente uma mãe ou um pai. Os autores diferenciam até as famílias agitadas das calmas, usando como critério comportamentos e hábitos, além dos arranjos, instigando sobre as diferenças e o fato de serem somente diferenças, nenhuma sendo melhor ou pior que outra. É um livro que expõe vários arranjos familiares diferentes, proporcionando uma experiência nova àqueles que não conhecem tais recorrências, por motivos diversos, e promove uma representação daqueles que, frequentemente, têm sua formação familiar tida como inferior ao padrão.

Não somente a questão de famílias homoparentais é fundamental na literatura infantil, como também é importante que sejam representadas as diversas culturas do mundo. As diferentes etnias, as diferentes maneiras de organizações sociais, diversas maneiras de se relacionar entre as pessoas e com o mundo devem ser temáticas frequentes na produção literária destinada às crianças.

Desse modo, a cultura indígena e a forma como esse povo se organiza deve ser valorizada. O povo indígena é marginalizado pela sociedade que se abstém do debate acerca da problemática que tais povos passam atualmente. São várias as obras que retratam a cultura indígena e sua formação familiar, havendo autores indígenas e não-indígenas.

Em artigo recente sobre a representação da criança, Iara Tatiana Bonin (2015) cita diversas obras de Yaguarê Yamã, Daniel Munduruku, Olívio Jekupé, Wasiry Guará, entre outros. A autora busca representações de contextos culturais específicos, afinal são aproximadamente 200 sociedades indígenas diferentes no Brasil (GRUPONI, 2004, p. 04). A denominação genérica do índio é um problema que aparece em muitos livros para crianças (e para os adultos também). Bonin, no artigo citado, analisa a narrativa *Caçadores de aventuras*, de Munduruku na qual cinco crianças ganham um destaque por sua autonomia quando precisam passar por situações complicadas na floresta. Os meninos lembram dos conselhos dos mais velhos e os adultos só surgem ao final da história. As mães e os pais esperam as crianças com ansiedade, formando uma multidão. Bonin (2015) ressalta a coragem e a esperteza que os curumins possuem, pois se organizaram e se protegeram dos perigos da floresta.

A valorização da ancestralidade é um traço frequente nas obras indígenas e na literatura infantil indígena, por isso o respeito pelos mais velhos está presente sempre. Rosa Maria Hessel Silveira e Iara Tatiana Bonin (2012) encontram uma preocupação em ensinar acerca da cultura e de peculiaridades do ser índio nas seis obras selecionadas do acervo do PNBE entre 2008 e 2012. As tendências representacionais são três: relações com a identidade nacional e sua construção, inclusive literária; representação de uma ligação entre o índio e a natureza e a sua proteção; lições sobre a vida indígena.

O contato com a cultura indígena é de suma importância para a valorização da pluralidade étnica e cultural, assim como para a compreensão da história do nosso país. Conhecer ao cotidiano de um curumim através de quadrinhos, contos ou lendas é interessante para contrapor, também, com o cotidiano urbano estressante, muitas vezes, para as crianças. Descobrir outras formas de viver através da leitura proporciona um desenvolvimento do respeito às diferenças e da curiosidade sobre a extensão do mundo.

As famílias são representadas na literatura infantil desde que essa existe como gênero literário. Neste capítulo, foram apresentados somente alguns exemplos de livros que representam as diferentes organizações familiares. Os mais didáticos procuram ensinar que as famílias que não tem um casal heterossexual como figura parental também são normais. Os mais literários buscam representar as diversas famílias, ora de forma mais realista possível, ora de modo mais romantizado. Por se tratar de uma abordagem nova na literatura infantil, a temática das novas famílias nem sempre vem com a naturalidade necessária, mas é importante destacar o valor que tais narrativas possuem. Afinal, o debate sobre a estética da obra com os alunos e sobre como o livro aborda o tema das famílias novas é primordial para que a experiência de leitura seja de crescimento e aprimoramento.

4 REPRESENTAÇÃO FAMILIAR

4.1 Modelos de Representação Familiar

De acordo com Zilbermann (2003, p. 207-215) podemos identificar três modelos familiares representados nas obras de literatura infantil: modelo eufórico, modelo crítico e modelo emancipatório. No modelo eufórico, a valorização é da vida doméstica e do núcleo familiar. Os pais neste modelo são os detentores da razão e do poder, sendo o local de mais segurança para a criança a residência familiar. Por isso, a criança sempre retorna ao convívio doméstico e não rompe com a vida caseira. O contato com o mundo exterior não auxilia no desenvolvimento da personagem, serve, no entanto, para mostrar a tranquilidade e a segurança que o convívio familiar proporciona. A personagem não evolui, somente exemplifica a dominação exercida pelos adultos que controlam a vida das crianças a partir de sua ideologia.

No modelo crítico, a representação tenta se aproximar da realidade o quanto é possível, retratando as instabilidades que o convívio familiar também pode promover. Da mesma forma, expõe as contradições do sistema burguês e denuncia os desequilíbrios do mundo caseiro (ZILBERMAN, 2003. p. 214). A criança, neste modelo ainda fica presa ao círculo familiar, do mesmo modo que no modelo eufórico, por isso ainda não se desenvolve internamente. Ela percebe o incômodo, mas não modifica seu comportamento e pensamento. O conflito da vida familiar existe, resultado do seu lugar na escala social, variando conforme a situação econômica de cada núcleo familiar.

As relações são expostas com um novo funcionamento no modelo emancipatório, e as crianças passam a se posicionar criticamente frente às situações do mundo real. A autora exemplifica, inicialmente, a partir da obra de Monteiro Lobato e a nova posição que a criança ocupa. Sem uma crítica formal à família burguesa, Lobato dá voz à criança que interroga e experimenta. A postura das personagens mirins se modifica e o contato com o mundo exterior se torna mais autônomo, excluindo a necessidade de um intermediário, muitas vezes. As crianças perguntam a todo momento, interferindo na contação de histórias feita por D. Benta. A figura da vovó pode ser analisada de forma bastante aprofundada e auxilia nessas narrativas na representação da criança e da família. Ao permitir os comentários insistentes de Emília, a criança ganha um novo lugar na narrativa.

Zilberman (2003, p. 218) analisa também a obra de Lygia Bojunga Nunes e diz que é em *Corda Bamba* que encontramos a emancipação autêntica na qual a personagem central é uma criança que cria instrumentos para uma vida autônoma. Nesse modelo, a criança se emancipa da vida doméstica, se libertando das suas contradições e opressões.

4.2 Análise do acervo do ano 3

Três tópicos serão identificados no conjunto das obras selecionadas. O primeiro sobre a representação racial, levando em consideração a importância da representação da figura humana em todas as cores e diferenças físicas. O segundo é relacionado à representação de parentalidade (ROUDINESCO, 2003, p. 157) já descrita em capítulo anterior. Considerando a imagem do adulto na história, seja como cuidador ou progenitor. O último tópico é do desenvolvimento intelectual da criança dentro da narrativa de acordo com os modelos de Zilberman (2003), ponderando sobre o lugar que a criança possui na história e como as relações familiares se dão.

Foram sessenta (60) títulos de livros infantis e infantojuvenis enviados pelo MEC às turmas de terceiro ano de alfabetização. De acordo com a intenção do presente trabalho, selecionei as obras e as dividi nos tópicos que serão abordados a seguir. Um livro-guia com a sinopse de cada obra é somado ao acervo, contendo nele comentários sobre todos os livros e sugestões de uso (Brasil, 2012). Resume informações das obras e as classifica em três áreas: Ciências Humanas e Temas Transversais, Ciências da Natureza e Matemática, Linguagens e Códigos.

Os valores de solidariedade e cooperação parecem centrais na escolha dos títulos (Brasil, 2012, p. 31) que visam transformar a postura dos educandos através de obras literárias e lúdicas. A questão dos diferentes arranjos familiares é tida como importante, apesar de não haver uma especificação de qual obra aborda tal temática. Os livros lidos fazem parte do acervo 1 e 2 do ano 3, referentes aos anos de 2013, 2014 e 2015 do PNLD – Obras Complementares. Aqueles que não expunham uma estrutura familiar foram classificados como fora dos critérios. Dessa forma, dezoito (18) obras foram selecionadas para compor o trabalho, pois trazem, de algum modo, uma formação familiar.

Algumas obras somente apresentam uma relação de parentesco, mas tratam de assuntos de ciências, como *Dudu e a Tagarela Bac* (VERMELHO, 2011) que se utiliza da relação mãe e filho para abordar o tema das bactérias. A mãe ouve o filho lhe explicar a respeito dos micróbios a partir de muitos desenhos feitos pelo garoto. Os títulos *Por que somos de cores diferentes?* (GIL, 2006) e *Por que os gêmeos são tão iguais?* (GIL, 2006) com o mesmo formato, abordam a questão da genética. No primeiro, é o primo que leva as crianças menores do bairro para uma excursão e acabam criando hipóteses para responder a pergunta do título, até que a biologia entre em cena e explica a diferença das pessoas. As crianças que aparecem são de cores e etnias variadas, e tal fato é ressaltado durante a viagem. No segundo livro, os filhos escutam da mãe, que é médica, a explicação sobre DNA. Nessa obra, a família é branca e heteroparental.

Irmãos Gêmeos (YOO, 2008) também se utiliza da relação de irmãos gêmeos para desenvolver a narrativa. Nesse livro, no qual a família representada é branca e heteroparental, as crianças brigam por ciúmes e por não compreenderem o conceito de conservação de volume que é objeto de explicação por parte dos pais. Dessa forma, a história aborda a relação entre os irmãos e as problemáticas de relacionamento que são resolvidas sempre pela figura parental, mãe ou pai. Com um caráter mais pedagógico do que literário, a obra explica noções de mais e menos, trazendo experiências que comprovam os conceitos.

A figura da mãe surge também no livro *Pretinho, meu boneco querido* (FURTADO, 2008) que aborda a problemática do racismo de forma explícita. A situação de preconceito é sofrida pelo boneco da protagonista Nininha. A menina também fala que tem uma irmã mais velha, mas não cita outra figura parental além da mãe, sendo a narrativa centrada nas ações dos brinquedos que maltratam o boneco preto por causa da sua cor.

A família com muitos filhos aparece no livro que conta a história de Santos-Dumont, *Alberto – do sonho ao voo* (LUCHETTI, 2012). No início, cita que teve uma família grande com sete irmãos, mas a obra conta como o sonho de voar do pequeno personagem principal, Alberto, é realizado depois de tanto esforço e tanta dedicação.

Nove (09) obras que apresentaram uma temática mais próxima da constituição familiar e laços afetivos tiveram suas histórias analisadas de modo que a organização se deu em três subpartes.

Na primeira, quatro obras mostram como a relação entre um neto e um avô (ou avó) pode ser significativa para ambos, revelando uma valorização da ancestralidade e do laço parental entre avós e netos. Podemos relacionar tais narrativas com o modelo eufórico de representação familiar desenvolvido por Zilberman (2003, p.207) já que a vida doméstica é o centro das narrativas. Apesar disso, a obra de Cora Coralina traz uma quebra de padrões de comportamento por parte da criança – quando guarda dinheiro para a avó.

Na parte subsequente, são analisados três livros cujas narrativas trazem a convivência comunitária como forma de organização social. Não necessariamente corresponde ao modelo crítico, afinal não é exposta uma reflexão sobre a constituição familiar, somente uma forma diferente de formação é exposta. E na última parte deste capítulo, duas narrativas com caráter emancipatório têm suas características exploradas.

4.2.1 Família e Genealogia

Quatro livros trazem no título a figura do avô ou avó. Entretanto, são seis os livros nos quais essa figura aparece. *Os filhotes do vovô coruja* (NA, 2010) é uma narrativa com caráter didático que busca auxiliar a construção do conceito de adição e subtração, não abordando a relação familiar entre avô e neto.

A relação entre avós e netos se intensificou com o aumento da expectativa de vida que promoveu uma possibilidade de convivência por mais tempo. Muitos avós, também, desempenham o papel parental, sendo os responsáveis pelo desenvolvimento da criança. As avós, principalmente, cuidavam dos netos para que os filhos pudessem se manter no mercado de trabalho. Atualmente, o número de escolas que atendem crianças pequenas aumentou, mas, por muito tempo, as crianças tiveram que ficar com seus avós. Além disso, a intimidade da vida privada cria na avó e no avô imagens significativas para a criança.

O estereótipo do idoso como aquele que perdeu habilidades, que não tem mais vigor, mas tem experiência, conhecimento humano, as avós sabem cozinhar de modo exemplar constantemente, entre outros aspectos que não correspondem à velhice atual. Com o aumento da qualidade de vida, muitos idosos trabalham, frequentam eventos culturais e realizam atividades físicas, por exemplo.

Para saber sobre a invenção das histórias, dois irmãos perguntam ao seu avô, que, prontamente, lhes inicia um relato no livro *O senhor das histórias* (SRBEK, 2011). Em formato de quadrinhos, o mito africano sobre a criação das histórias é contado. Neste livro, o personagem do avô é o narrador da história, o possuidor do conhecimento. Pela idade mais avançada, o saber do mais velho é valorizado, mas a figura do narrador não é ponto de destaque. A narração existe em alguns momentos, mas é distanciada da história, sem opinar sobre o enredo.

Os seis contos de *Histórias de avô e avó* (NESTROVSKI, 1998) trazem fotos antigas e ilustrações que contam a influência dos avós na formação da identidade do autor. As imagens retratadas pelo livro são acompanhadas por comentários pessoais e dados históricos anexos a fotos de família e da cidade de Porto Alegre.

Em primeira pessoa, o narrador nos revela as lembranças que considera mais importantes, além de falar sobre a imigração dos avós para o Brasil. O livro valoriza a imagem da família e da vida doméstica, de acordo com o modelo eufórico de representação familiar. Além disso, a estrutura representada é heteroparental e branca, padrão de imagem da sociedade.

Os avós refletem o saber humano: vô Maurício sabia de música, vô Felipe de matemática, vó Póli de culinária. Um exemplo disso são as visitas de quarta-feira, nas quais recebia sempre um presente de seu vô, até que um dia ganhou um livro e nunca mais parou de ler. A religiosidade da bisavó que dava a benção em outra língua também remete à valorização do conhecimento dos mais velhos. Ao longo dos contos, vamos entendendo a árvore genealógica do narrador, figura muito participativa da obra, por se tratar de uma história verídica. Fato este que pode despertar um interesse no leitor, pois reflete muito afeto na relação familiar.

No conto “Uma aula de música do meu avô” (NESTROVSKI, 1998), uma confusão é armada quando o menino-narrador discorda do avô ao ouvir uma música no rádio:

Eu não queria magoar meu avô, mas também não queria dar o braço a torcer. E tudo passando muito rápido, e eu sabia que, de um jeito ou de outro, não podia acabar bem. [...]

Fiquei com os olhos cheios de lágrimas. Estava contente por ter acertado, mas estava mais triste do que contente. Era como se eu tivesse batido na cara do meu avô, em pleno almoço de domingo. Agora, sim, não sabia o que fazer. E não fiz nada, mesmo; fiquei quieto, encolhido, meio chorando. [...]

Pois meu avô foi até onde eu estava, num canto do sofá. Atravessou a sala, foi até ali, me olhou nos olhos e disse, com maior simplicidade: ‘Desculpe. Você tinha razão. Eu quero lhe pedir desculpas’.(NESTROVSKI, 1998, p. 10)

Os sentimentos do personagem são expostos, o medo, a culpa, a tristeza e a alegria. Cresce a admiração pelo avô, motivo dessas emoções aflorarem nesse momento. Através da perspectiva da criança, trazida pelo narrador, o leitor participa da história, que promove uma expectativa narrando os pensamentos do menino. À criança é dado o alcance do saber. Também ela pode ter conhecimento, porém, as atitudes são tomadas pelos adultos que asseguram a autoridade a eles conferida.

A imigração é um tema que aparece somado às obras que trazem laços de parentesco; tanto no livro acima descrito, quanto nos dois próximos analisados. *A árvore da família* (ZAKZUK, 2011) ensina ao leitor a montar a sua genealogia, convidando-o a descobrir suas origens. Na introdução, a autora explica suas motivações para a escrita do livro e descobrimos que sua família tem diferentes origens. Não é um texto narrativo, apresenta capítulos que explicam questões sobre imigrações, origens, nome e sobrenome, documentos, etc.

Traz informações sobre os sobrenomes mais populares no mundo e um mapa do Brasil com legendas de locais que receberam imigrantes. Em alguns capítulos orienta o leitor na realização da sua árvore genealógica. A autora coloca sua história no livro, relatando quantos primos e parentes encontrou pela internet e até pessoalmente. A figura da vovó aparece em um capítulo para abordar o valor das receitas de famílias no qual uma receita de quibe é dada ao leitor também.

A autora fala sobre a questão do nome e sobrenome para os indígenas. Em um trecho da página 16, a autora explica que cada povo indígena define a escolha do nome de uma maneira diferente. O uso do sobrenome pelos indígenas surgiu com a invasão dos colonizadores. O foco do livro é a questão da origem e, com isso, a construção da identidade. Os africanos que vieram escravizados para o Brasil não têm espaço significativo na obra, pois não são considerados imigrantes, acredito. Como se não integrasse a identidade do povo brasileiro, reiterando o não-lugar frequentemente dado à população negra. No capítulo de sobrenome, é dito que muitos desses africanos tiveram que utilizar o sobrenome do senhor dono da casa onde trabalhava, e outros utilizaram nomes religiosos para designar o sobrenome.

Não são destacadas as relações familiares, e nem há uma imposição de um modelo, apesar da orientação em buscar os sobrenomes do pai e da mãe. Para aqueles que têm pais adotivos, a autora incentiva a montagem das duas árvores, se possível, pois considera um privilégio. Além disso, afirma que “montar a árvore é uma demonstração de afeto pela família” (ZAKZUK, 2011, p.33).

A importância de valorizar a memória dos antepassados surge, de forma recorrente, ligada à imagem dos avós. A lembrança de manifestações artísticas, políticas e culturais perpetuam valores sociais, de modo positivo ou negativo. No livro *Os Guardados da vovó* (RIBEIRO, 2009), as memórias são reacendidas por causa do manuseio de objetos, cartas e fotos no sítio da avó Ivone e avô Milton. A narrativa em primeira pessoa é centrada na valorização das histórias que os avós têm para contar sobre os costumes da época em que eram jovens. A avó também explica à personagem principal a genealogia da família. São muitos os diálogos no livro, conferindo um dinamismo na leitura infantil. A descrição do sítio utiliza-se também de fotos, demarcando o caráter verossímil. O modelo que essa formação familiar representa também é o eufórico, pois a segurança do mundo caseiro e da família, heteroparental, é valorizada:

Apesar de alguns desentendimentos de vez em quando, para mim, eles serão sempre a mais linda história de amor que eu já vi. Uma história da qual eu faço parte. Melhor que as histórias dos filmes que assisti, e dos livros que li. Uma história de 60 anos. Ao vivo e em cores. (RIBEIRO, 2009, p. 28)

A duração do relacionamento é citada no início e no final da narrativa, marcando a importância da formação familiar. Os desentendimentos não são relatados e a habilidade culinária comum nas avós é destacada nesse livro, assim como em alguns contos da obra analisada anteriormente. A criança representada é curiosa e questionadora. Ao longo do livro, a menina faz mais de vinte perguntas aos avós que respondem com paciência e zelo. Porém, o modelo representado é o eufórico, porque, mesmo com a curiosidade da criança, o que prevalece é a autoridade dos avós.

Por último, a obra *A menina, o cofrinho e a vovó* (CORALINA, 2011) conta a história de uma avó trabalhadora que fazia doces para fora. Em tom de poesia, a vida da velha senhora é narrada, afirmando que tinha filhos, netos e bisnetos, sem citar os nomes. O trabalho todo da personagem é narrado:

E começou. E mexe e vira e revira, acerta, faz e refaz, embalou mesmo. A velha era enérgica e de saúde rija. Trabalhou com fôlego de sete gatos. Só que não tinha nenhum tacho de cobre e sabia que doce para ser bom, só feito em tacho de cobre, se possível, antigo. (CORALINA, 2011)

Após tanto trabalho, a senhora compra os tachos de cobre e tem a ideia de comprar uma geladeira:

Foi então que a velha achou que devia de comprar geladeira. Geladeira ajuda demais a quem faz doces. Conserva tempo na calda, combate o inimigo bolor. O doce está sempre às ordens para o glacê. Queria uma geladeira usada, boa, funcionando bem. Encontrou. Prestação...E vai que faz doce e mais doce. E paga e repaga. Amortizando. (CORALINA, 2011)

Um dia recebeu um dinheiro de uma de suas netas para ajudar a pagar uma prestação da geladeira. Com isso, a personagem se emociona e tenta recusar a economia da pequena menina que insiste dizendo “eu ajunto outro, vovó”. Assim, a senhora se comove e descreve toda sua admiração por aquela menina, entre tantas netas e netos, tão sensível e solidária.

A criança que aparece é delineada repleta de “sensibilidades” e de amadurecimento. O ponto de vista da avó, mesmo de adulto, aponta uma representação emancipatória da criança, que toma suas próprias decisões. Evidenciando, assim, um protagonismo da criança que indica uma representação com novas marcas identitárias. Por isso, esse livro não se encaixa no modelo eufórico de representação. Mesmo assim, compõe este capítulo por retratar a relação entre a neta e a avó.

A relação entre as duas personagens é de um ato somente, mas o laço afetivo é profundo. Não pelo valor monetário, e sim pelo simbólico. A preocupação da menina em guardar dinheiro para que sua avó pague a geladeira é um sentimento maduro o qual reflete o quanto a criança compreende das dificuldades do mundo. Importante ressaltar a diferença entre comprar uma geladeira naquela época e atualmente. A decisão da menina caracteriza uma ruptura com o padrão de comportamento dos pequenos.

Ao final, descobrimos que o texto é uma carta da avó para sua neta generosa, de agradecimento, com data do ano de 1967. A linguagem próxima da oralidade que o texto apresenta por isso, facilita a leitura. E as ilustrações preenchem toda a página de forma expansiva e bonita, auxiliando na percepção dos sentimentos das personagens pelo leitor.

O gênero carta aparece em outra obra, *Batuque de Cores* (2009) no qual neta e avô trocam correspondência sobre as viagens dele pela África. A relação entre os dois serve de pano de fundo para o leitor conhecer os diversos países que compõem o continente africano. Com isso, é perceptível a visibilidade dada ao laço entre os netos e avós, mas o foco da narrativa é contar informações sobre alguns países da África.

Então, a valorização da ancestralidade e sua importância na construção da identidade aparecem nessas obras. Da mesma forma é ressaltado o conhecimento dos mais velhos como algo a ser respeitado. As relações entre avós e netos surge de forma estreita e muito afetiva, demonstrando o espaço que essas figuras possuem na organização familiar. A função social (COMPAGNON, 2010, p. 35) está presente nos livros que narram a admiração dos netos por seus avós, pois tratam de relacionamentos humanos dentro da sociedade.

4.2.2 Representação de comunidades

A família doméstica que conhecemos é tão representada na mídia que quando nos deparamos com outra organização de convivência íntima nem sempre a percebemos como família. Dentre os livros do acervo analisado, duas obras apresentam formações sociais distintas daquelas que nos são familiar. Além dessas, outra obra traz a convivência de animais em grupos como comunidades sociais, revelando por suas especificidades sentimentos de cuidado com o outro e de transmissão de saber.

Canção dos povos africanos (PAIXÃO, 2010) conta, inspirado em uma poesia de Tolba Phanem, a cultura da canção em determinadas tribos africanas, em forma de cordel:

E quando a criança nasce
Canta o povo em louvação.
Também quando ela inicia
Seus passos na educação
O povo outra vez se junta
E lhe canta sua canção..
(PAIXÃO, 2010, p. 8)

A união das pessoas em prol do crescimento e desenvolvimento da criança aparece no livro que tem ilustrações belíssimas que conversam com a história em vez de somente representá-la. A singularidade da canção que cada um carrega é enaltecida na obra. Quando alguém comete algum erro, a canção é cantada e com isso o indivíduo reflete sobre suas atitudes e se reaproxima daqueles que mais o conhecem, a tribo. A liberdade chega para o indivíduo quando se recebe o perdão que vem acompanhado do amor.

As fases da vida são marcadas pelas canções. Com isso, conhecemos uma cultura na qual o apoio entre os membros da comunidade está sempre presente. Vários conceitos podem ser abordados através da sua leitura, como herança, nobreza, humanidade, entre outros:

E por fim sua canção
 com sentimento profundo
 é cantada por seus entes
 quando ele está moribundo
 na hora em que sua alma
 se despede deste mundo.
 (PAIXÃO, 2010, p.12)

As emoções têm um espaço privilegiado nessa obra que fala sobre identidade e singularidade e da relação com o coletivo. A linguagem em cordel flui com facilidade, tornando a leitura prazerosa. O leitor desfruta do ritmo da narração. É um livro de grande valor estético que fala de uma temática que atinge a todos os indivíduos. Podemos entender como uma grande família que se baseia no apoio e na solidariedade entre os membros. A separação entre crianças e adultos aparece na passagem de uma etapa à outra, estabelecendo a separação de desenvolvimento, mas mantendo o tratamento dado ao indivíduo como sujeito:

Essa história é uma herança
 De um povo que tem grandeza
 De um povo que ensina ao mundo
 Gestos de paz e nobreza
 Na 'canção' que representa
 Sua própria natureza.
 (PAIXÃO, 2010, p.21)

É salientada neste ponto, a importância da ancestralidade e da perpetuação dos valores. O espaço para interpretação (ISER, 1996) proporcionado pela narrativa aguça reflexões acerca de definições de liberdade, identidade, perdão, erros, alma, vida, morte, entre tantas palavras que provocam no leitor uma produção singular de sentidos. É visível a duplicidade na natureza de que Zilberman (2003, p. 46) fala: o enredo e a linguagem agindo com intensidade, entrelaçados. O fato de que cada ser possui uma canção – feita de palavras? Sons? - enreda ainda mais a relação entre a linguagem e a história.

O livro *Viagem ao mundo indígena* (Grupioni, 2004) conta cinco histórias, cada uma sobre um povo indígena diferente. Nele descobrimos diferentes costumes e formas de celebrações, além de organizações familiares. Ao final de cada conto, a localização da tribo é marcada num mapa do Brasil, e ao lado tem um paratexto a respeito da tribo correspondente.

No primeiro conto assistimos à preparação da festa que representa a passagem do personagem principal, Ukewái (GRUPIONI, 2004, p.07), para a vida de adulto. Participamos da espera do menino pela festa e a chegada de parentes de outras tribos. O personagem fala sobre sua aldeia, a formação em círculo e a convivência com os demais. Acompanhamos os pensamentos do menino sobre a limpeza da aldeia, os discursos do chefe no centro da aldeia.

Conhecemos, através da narrativa, a Casa dos Homens como um “lugar onde homens solteiros e casados se reúnem durante o dia para conversar ou fazer pequenos objetos” (GRUPIONI, 2004, p. 11). Ali, as mulheres não podem entrar, senão em dia de festa. Através do narrador em terceira pessoa, o leitor é informado de que o menino não tem conhecimento de que, após a festa, ele começará a frequentar a casa dos homens e terá que deixar de brincar com os pequenos e dedicar seu tempo ao trabalho para a tribo. Todos da tribo devem auxiliar na limpeza e cuidados do local onde habitam.

Além da mãe, também é citada a relação do tio com o personagem que ganha dele um pequeno jabuti, motivo de sua distração ao final do conto. O menino é caracterizado com ingenuidade, apesar de maduro. A temática do crescimento também surge no conto “A festa da moça” (GRUPIONI, 2004, p.30). Os Nambiquara de outras aldeias estão sendo esperados para a festa de todas as meninas que entram na puberdade. O amadurecimento do indivíduo faz parte da descrição das fases da vida, a cada época e sociedade a seu modo.

O narrador distanciado produz um efeito de observação, nem sempre conseguindo transpor o ponto de vista infantil. Em “A arte de pintar” (GRUPIONI, 2004, p.15), é narrado o hábito das mulheres casadas e que têm filhos pintarem umas às outras. A personagem central Irepu vai participar do rito pela primeira vez:

O momento da pintura é sempre de descontração, prazer, divertimento e também de muitas fofocas, quando se colocam os assuntos em dia. Discutem sobre vários desenhos possíveis e então se decidem sobre o motivo da pintura que farão hoje. A pintura é igual para todas e o desenho é mesmo no rosto e no corpo. (GRUPIONI, 2004, p. 18)

A personagem, a partir desse momento, desenvolverá a arte de pintar. A sessão de pinturas ocorre a cada oito dias, aproximadamente, e as mulheres são separadas em grupos de acordo com a idade e quantidade de filhos. A escolha do desenho deve ser feita de forma coletiva valoriza o respeito pela comunidade e por todos que vivem nela.

Os Xikrin são um subgrupo do povo Kayapó, conforme a própria obra explica. O livro não é de autoria indígena, sendo o escritor um antropólogo brasileiro que se baseia na própria pesquisa e em informações de outros antropólogos para criar contos sobre o cotidiano desses povos. A introdução do livro é parte essencial na leitura nos informando que são mais de 170 línguas e dialetos das 200 sociedades indígenas (GRUPIONI, 2004, p. 4). Compreender que a população indígena não pode ser generalizada é importante para que aumente o respeito e diminua o preconceito e os estereótipos.

É possível entender diferentes estruturas de convívio entre os indígenas a partir da leitura desse livro. A figura da mãe é representada em mais de um conto, sendo sempre valorizada. Os ritos de passagem são ponto central da narrativa.

Bonin e Silveira (2012, p. 337) descrevem três tendências representacionais, sendo a última, denominada “Lições de vida indígena”. Essa tendência promove o conhecimento da cultura indígena de fato e tenta abrir um espaço para sua representatividade. A obra de Grupioni acima analisada apresenta vários elementos dessa tendência, pois, ao contar sobre os ritos de passagem, o narrador propicia uma aproximação com a cultura do outro.

O livro *Um por todos, todos por um – a vida em grupo dos mamíferos* (SANTOS, 2011) tem um caráter mais didático, abordando as relações sociais. Escrito por uma bióloga, a obra conta como os mamíferos se organizam em grupos. Antes disso, a autora explica sobre os motivos que levam os animais a viver em grupos, salientando as vantagens de conviver com seus pares. Introduce termos como: mamíferos sociais e etólogos. Também destaca a importância do brincar para o desenvolvimento desses mamíferos.

Diversos animais, então, têm sua formação social descrita para o leitor. As ilustrações são bem realistas e complementam o texto. A localização geográfica é especificada para cada grupo, assim como o local de habitação e a forma de obtenção de alimentos.

Conforme as espécies e seus hábitos vão sendo contados, as razões científicas vão sendo explicadas de forma simples. O cuidado dos adultos com os filhotes é ressaltado, pois todos os animais prezam pela preservação de sua espécie. Dessa forma, os grupos de animais ensinam de modo lúdico as regras de sobrevivência. A descrição da defesa do território aparece em algumas espécies, como a ariranha.

O termo família surge somente quando relacionado às figuras do pai e da mãe. A formação comunitária é tratada como uma formação social e não familiar. No caso das capivaras, “as fêmeas formam uma espécie de creche, em que uma ou duas cuidam dos filhotes das demais. Elas se revezam nessa tarefa, e muitas vezes amamentam os filhotes umas das outras.” (SANTOS, 2011, p; 17).

O narrador nesta obra tem um papel importante, pois interpreta os dados sobre os animais, especificando os sentimentos e as emoções que os animais apresentam. Valores como amizade, união e respeito são destacados ao longo do livro. Os sinais de comunicação dos macacos-prego servem de ferramenta de proteção contra predadores. O livro mostra a convivência dos mamíferos sem pretender ensinar uma moral ao leitor. Somente um relato sobre como os animais cuidam uns dos outros:

Na hora do descanso, elas [as ariranhas] se catam umas às outras. Algumas vezes, chegam a ficar lado a lado. Quem fica por último não tem quem catar. Então, cata-se a si mesmo. Esse contato relaxa e é capaz de tornar o grupo mais unido. (SANTOS, 2011. p. 06)

A representação da infância fica por conta dos filhotes ilustrados e as situações por eles vivenciadas, sempre relacionadas à aprendizagem da sobrevivência. Por trazer animais como personagens, o texto cria uma atmosfera mais distante, imaginativa, próxima do lúdico. Ao leitor é promovido um contato com a realidade da vida selvagem, em oposição à vida doméstica. A proteção dos progenitores é contínua enquanto tem filhotes, mas estes não deixam de ser alvo de predadores. A cada informação apresentada pelo texto, relacionamos com conhecimentos já estabelecidos, gerando curiosidades e questionamentos.

A representação de grupos sociais que convivem de forma praticamente familiar é bem interessante para que haja um questionamento sobre a imposição de padrões. Com os livros acima descritos, é possível conhecer diferentes modos de organização comunitária, abrindo espaço para refletir sobre como nos constituímos, sobre os valores que defendemos, sobre o que valorizamos e o que não valorizamos. Os ritos de passagem que a obra de Grupioni (2004) expõe é uma tentativa de dar voz ao povo indígena, além de apresentar as diversas culturas que essa população tem. A criança é valorizada e seu lugar é demarcado como um ser em desenvolvimento.

4.2.3 Família e Ruptura de Normas

O livro inspirado no samba escrito por Paulo Brazão *Deixe a Maria sambar*, de 1978, *A Rainha da bateria* (VILA, 2009), nos conta a trajetória desde menina, de Maria Luisa, até a vida adulta, passando pela morte do pai e o preconceito da mãe com o samba. Após enfrentar a autoridade da mãe e fugir para frequentar a escola de samba e dançar, a personagem inicia a faculdade de jornalismo e conhece um rapaz. A narrativa conclui a trama com a formação familiar de Maria Luisa com Silas e sua filha, motivo do fim do preconceito da D. Luzia.

A família representada é negra, mas não há menção ao fato, da mesma forma, o rapaz por quem Maria Luisa se interessa, além de ser “compositor de uma grande escola de samba” (VILA, 2009, p.16). Não há referência da cor da pele ser o motivo do desagrado da mãe de Maria, o problema é que “é meninada do morro, filhos de gente que não presta.” (VILA, 2009, p. 6). Com isso podemos inferir algumas possibilidades de preconceitos: econômico, social e racial, por exemplo.

A narrativa em terceira pessoa é verossímil e tem uma linguagem simples de fácil entendimento. Entretanto, traz a dicotomia vida e morte, tema de alcance universal, que surge com a morte do marido sendo a explicação para a tristeza de D. Luzia que somente com o nascimento de sua neta consegue recuperar a alegria.

Neste livro percebemos um crescimento da personagem principal que descumpra as regras e toma as decisões de forma autônoma. Maria Luisa aprendeu com o pai a gostar de música e por causa da fascinação pelo samba, ela sai escondida de casa diversas vezes.

A partir daquela noite D. Luzia, antes de dormir, escondia a chave da porta para a menina não fugir, mas Maria saía pela janela. Jovem e bela, atraía as atenções nos ensaios. Aprendeu a sambar muito bem, mas não se demorava na quadra da escola. (VILA, 2009, p.11)

O posicionamento da personagem marca o caráter emancipatório da narrativa, mesmo que as dificuldades enfrentadas sejam de ordem familiar. Neste momento da narrativa, o leitor se depara com a ambivalência do comportamento da personagem. Maria quer frequentar a escola de samba, mas também quer agradar sua mãe. Assim, a filha não enfrenta a mãe, nem mesmo quando essa descobre suas fugas.

A menina cresce e vira moça, conhecendo seu futuro companheiro já quando frequenta a faculdade. As problemáticas da esfera econômica não surgem, e a entrada na faculdade aos dezessete anos é justificada pela personalidade estudiosa da personagem. O narrador é imparcial e permite que o leitor interprete a seu modo os fatos ocorridos ao longo da narrativa.

A mulher em que a menina se torna tem suas raízes naquilo que sempre acreditou e por aquilo que batalhou. O crescimento da personagem principal traz, mais uma vez, a temática das fases da vida, a qual Ariès descreve na etnografia mundial (1975), e simboliza a conquista da felicidade através da constituição familiar.

Além disso, a dança e a música são colocadas como germinadores de satisfação e prazer. O lúdico entra em cena trazendo a dança como uma possibilidade de futuro. A ruptura com a ordem não teve consequências negativas neste caso. A volta da alegria na vida da mãe de Maria é causada pela determinação da personagem em seguir em busca daquilo que gostava tanto.

Os livros mencionados buscam a emancipação da criança perante os condicionamentos que os adultos impõem a ela, utilizando o período existencial dominado pela circunstância familiar – a infância, fase deficitária do indivíduo, porque ele acumula dependências [...] (ZILBERMAN, 2003, p.218)

A personagem principal vai desenvolvendo sua autonomia conforme deixa de ser criança. Mesmo assim, não há um adultocentrismo, pois Maria alcança seu desejo através das próprias atitudes. A visão de mundo fechada sobre a qual Frantz (apud TELES & SOARES, 2013) fala também não é encontrada nesta obra, proporcionando à criança uma leitura de qualidade. O leitor identifica-se e relaciona com os desejos que lhe são negados. O final feliz corresponde ao êxito almejado por todos que têm em si objetivos e sonhos. O desfecho dessa história lembra os finais de contos de fadas, contudo o papel da personagem foi decisivo para que o tal ocorresse dessa forma. Nesse sentido, a atitude perceptiva do leitor é disparada com a sua imaginação que se relaciona com tudo que já experienciou.

Outro livro que se destaca na questão da ruptura de normas é *A pipa e a flor* (Alves, 2011) o qual conta a história de um amor entre as personagens que dão nome ao livro. No início da narrativa, as qualidades da pipa são exaltadas e a personagem já descrita com o seu destino: voar. Antes de iniciar o livro, o autor conversa com os leitores mirins e com os adultos que pretendem ler para as crianças. Explica que pediu ao Maurício de Sousa os personagens emprestados para que representassem a história que inventou. Adianta ao leitor, no segundo recado, que o conto é sobre o amor de uma pipa e uma flor que se apaixonaram de maneiras diferentes:

A pipa já havia visto muitas flores. Só que dessa vez seus olhos e os olhos da flor se encontraram, e ela sentiu uma coisa estranha. Não, não era a beleza da flor. Já vira outras, mais belas. Eram os olhos...Quem não entende pensa que todos os olhos são parecidos, só diferentes na cor. Mas não é assim. Há olhos que agradam, acariciam a gente como se fossem mãos. (ALVES, 2011, p. 24 – 26)

A pipa decide, então, mudar de dono e arrebenta sua linha, seguindo até a flor. A felicidade da constituição de amor é explícita e a não definição do gênero das personagens pode indicar um modo de se relacionar distinto do padrão mesmo que as ilustrações remetam aos personagens Mônica e Cebolinha. Olhar é um sentido despertado, trazido pela história, como na citação acima, representando a empatia entre as personagens.

A relação estabelecida pela pipa e pela flor inicia com novidades e planos que incluíam a contação das histórias daquilo que a pipa conhecesse durante seus voos. Porém, o sentimento de inveja e ciúme acabam brotando na flor que encurta o fio da pipa impedindo-a de voar para longe. As problemáticas da convivência e da manutenção de uma relação amorosa são trazidas por essa história que aborda sentimentos universais.

Com esse enredo, são propostas três alternativas de finais, podendo o leitor refletir sobre a questão e decidir qual deve ser o destino das personagens. A pipa pode se render aos pedidos da flor e causar um apagamento de sua identidade; a flor pode se transformar em borboleta, caso tenha sido enfeitiçada; ou a pipa escolhe a liberdade de voar e segue em busca de alguém para formar uma família.

O poder de escolha dado ao leitor proporciona uma relação aberta com a obra na qual aquele que lê tem um papel decisivo. Além disso, a diferença dos finais é demarcada pela presença do fantástico e pela alternativa em ficar ou não com a flor que a pipa possui. A autonomia do leitor produz um efeito de empoderamento no qual aquele que lê participa da obra. A criança pode optar pelo conhecido e utilizar-se do caráter maravilhoso que o gênero possibilita e tornar a história um conto de fadas.

A obra é marcada pela presença ativa do leitor que possui a responsabilidade de finalizar o enredo. A possibilidade de criar hipóteses também pode surgir, frente ao caráter aberto do livro. O efeito estético da obra ocorre através da interação e polissemia que essa causa

As ferramentas para uma vida autônoma, sobre a qual Zilberman (2003) fala, são criadas nesses dois livros analisados. No primeiro, a personagem não cede à pressão familiar e se impõe frente a sociedade. No segundo, as personagens se permitem viver um relacionamento fora do comum, de forma espontânea. Nesse livro, a finalização da história fica por conta do leitor, mas contém a alternativa que termina o enredo de forma emancipatória.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acervo apresenta livros de diversos assuntos e diferentes formatos e tamanhos, sendo alguns com poucas páginas e outros com histórias mais extensas. As ilustrações são destaques da maioria das obras analisadas e são aliadas à fruição e à formação leitora.

O único livro que antecipa a temática da família no título – *A árvore da família* -, aborda a questão da genealogia. Contudo, foram encontrados livros que apresentam uma formação familiar baseada no comunitário. O senso de comunidade é um dos aspectos trazidos para abordar o tema de relacionamentos interpessoais e de parentesco. Porém, a coletividade aparece em espaços não urbanos, como tribos africanas e aldeias indígenas. São locais fora do cotidiano daqueles que receberam tais livros em suas salas. É um ponto positivo que organizações desse tipo sejam representadas, pois afirmam o caráter de união e solidariedade que grupos familiares podem possuir. A identidade não é menos abordada nessas obras que trazem a temática do viver em conjunto. A singularidade de cada indivíduo é respeitada, e o amadurecimento é valorizado.

As fases da vida foram assunto frequente nos livros pesquisados. A ancestralidade e sua importância também foram recorrentes nas histórias aqui apresentadas. Na temática racial, as famílias refletiram uma diversidade considerável na representação da cor ou etnia das famílias, com naturalização da representação, em sua maioria. A imigração e a identidade mantiveram-se também em mais de uma obra analisada.

A qualidade estética e literária das obras pesquisadas neste trabalho é verificável, apesar de que a estrutura familiar encontrada, primordialmente, foi a padrão havendo uma valorização da figura dos avós. Alguns livros apresentam um caráter mais didático, sendo esvaziado de literariedade, não correspondendo às funções da literatura que Compagnon (2010) descreve.

O modelo eufórico de Zilberman (2003) prevalece nas histórias que relacionam as figuras parentais à segurança da vida doméstica. O modelo crítico não foi identificado, mas o modelo emancipatório aparece, mesmo que em poucas obras, de forma que a transformação interna da personagem pode ser percebida na medida em que se alcançam os recursos para uma vida autônoma.

Em relação à diversidade de estruturas familiares, foi encontrada a ausência da figura do pai e a não determinação da relação pai e mãe. A figura da mãe é quase constante, pois mesmo que não apareça em todas as histórias, é citada frequentemente, diferente da figura do pai. Mas famílias homoparentais não foram mencionadas nas narrativas, e as famílias baseadas no processo de adoção foram citadas em um livro somente.

Ainda é necessário avançar nas questões da diversidade das famílias, principalmente como um tema natural e espontâneo. As obras que compõem o acervo das salas de aula do terceiro ano de alfabetização omitem a existência de configurações familiares homoparentais e adotivas. Não há uma preocupação em legitimar essas formações familiares, nem em dar suporte ao professor para tratar sobre o tema.

Também a perspectiva infantil precisa ser centro das narrativas, para que a criança tenha, na leitura, um espaço próprio. Se é na relação com o texto que o leitor produz diferentes sentidos (ISER,1996) à criança não pode ser dado exclusivamente o ponto de vista do adulto. Quais sentidos ela produzirá?

É preciso ressaltar que, durante a seleção e a coleta das obras do acervo, a dificuldade em encontrar os livros nas escolas foi grande. Em algumas escolas o acervo estava dissolvido nas estantes da biblioteca da escola, diferente da orientação que está, inclusive, na capa dos exemplares. Em outras escolas, as professoras do ano-ciclo não tinham ciência do acervo ou relataram que os livros ficaram com as docentes que os receberam. É um dado preocupante, afinal, é um direito dos alunos que lhes está sendo negado.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores: 1975.
- BARRETO, Maria Elena Vilanova Lois. **Caminhos feitos de palavras: a recepção da literatura infantil por crianças de uma Escola Pública**. UNEB, Salvador, 2009. Disponível em: <www.ppgel.uneb.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/lois_elena_dissert.pdf> Acesso em : 02/12/2016.
- BARRIE, James Matheus. **Peter Pan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 222 p: digital.
- BAUM, Lyman Frank. **O Mágico de Oz**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2006. 152 p
- BONIN, Iara Tatiana. Representações da criança na literatura de autoria indígena. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 46, p. 21-47, jul./dez. 2015. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/elbc/n46/2316-4018-elbc-46-00021.pdf>. Acesso em: 02/12/2016.
- _____ & SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **A temática indígena em livros selecionados pelo PNBE: análises e reflexões**. In: Educação Porto Alegre, v. 35, n 3, p.329 – 339, set/dez. 2012. Disponível em: revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewfile/.../8390. Acesso em : 02/12/2016.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Acervos Complementares – Alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento**. Ministério da Educação. Brasília, 2012.
- BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho amarelo**. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. 2. ed. Belo Horizonte : Ed. da UFMG, 2010.
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. 6. ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1980. 215 p.
- FILHO, José Nicolau Gregorin. **Literatura Infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.
- GRAVET, Emily. **O lobo não morde**. Caramelo, 2013.
- HUAINIGG, Franz – Joseph. **Você pertence à nossa família - História de uma adoção**. Tradução e adaptação Sâmia Rios; São Paulo: Scipinone, 2008.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo Escolar da Educação Básica 2013: resumo técnico / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. - Brasília: O Instituto, 2014. 39p.

ISER, Wolfgang. **O ato da Leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução de Johannes Kretschmer. Vol 1. São Paulo: Editora 34, 1996.

KRAERCHER, Gládis E. da Silva; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Dois papais, duas mães. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1191-1206, out./dez. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade> Acesso em: 02/12/2015.

KUHL, Anke; MAXEINER, Alexandra. **É tudo família!: Sobre a filha da nova namorada, sobre o irmão da ex-mulher do papai e outros parentes**. Tradução de Hedi Gnädinger. LP&M, 2011.

LEITÃO, Míriam. **Flávia e bolo de chocolate**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

MAGALHÃES, Ligia Cademartori; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

MEC. Conferência Nacional de Educação. **A conferência**. Brasília, 2014. Disponível em <conae2014.mec.gov.br> Acesso em 02/12/2016.

_____. Programa Nacional Biblioteca na Escola. 2016. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/309-programas-e-aco-es-1921564125/programa-nacional-biblioteca-da-escola-1229869342/12368-programa-nacional-biblioteca-da-escola>> Acesso em 02/12/2016.

_____. Programa Nacional do Livro Didática. 2016. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-aco-es-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>> Acesso em 02/12/2016.

OKITA, Hiro. **Homossexualidade da opressão à libertação**. São Paulo: Editora Sundermann, 2007.

RABELLO, Elaine e PASSOS, José Silveira. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. Disponível em <<http://www.josesilveira.com>> Acesso em 02/09/2016.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. : 2003.

SOARES, Magda. **Letramento na cibercultura**. Educ. Soc, Campinas, vol. 23 nº 81 p. 143/160 dez 2002. Disponível em: <cedes.unicamp.br> Acesso em: 02/12/2016.

TELES, D. A.; SOARES, M. P. S. B. *A LITERATURA INFANTIL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: IMPORTÂNCIA E CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES* (ISSN 2316-1086). In: V FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA ? FIPED, 2013, VITÓRIA DA CONQUISTA? BA. **Pesquisa na graduação: justiça social, diversidade e emancipação humana**. Campina Grande - PB: Realize, 2013.

TORERO, Jose Roberto. **Chapeuzinhos coloridos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 11ed. São Paulo: Global, 2003.

ANEXO

TÍTULO	Autor	Ilustrador(a)	Editora
A ÁRVORE DA FAMÍLIA	Maísa Zakzuk	Tatiana Paiva	PANDA BOOKS
A RAINHA DA BATERIA	Martinho da Vila	Marcelo d'Saete	LAZULI EDITORA
ALBERTO: DO SONHO AO VOO	José Roberto Luchetti	Angelo Abu	EDITORA SCIPIONE
A PIPA E A FLOR	Rubem Alves	Maurício de Souza	MAURÍCIO DE SOUZA EDITORA
A MENINA, O COFRINHO E A VOVÓ	Cora Coralina	Claudia Scatamacchia	EDITORA GLOBAL
BATUQUE DE CORES	Caroline Desnoëttes & Isabelle Hartmann	Isabelle Hartmann	COMPANHIA DAS LETRAS
CANÇÃO DOS POVOS AFRICANOS	Fernando Paixão	Sérgio Melo	EDITORA IMEPH
DUDU E A TAGARELA BAC	Alane Beatriz Vermelho	João Müller Haddad	VIEIRA & LENT
HISTÓRIAS DE AVÔ E AVÓ	Arthur Nestrovski	Maria Eugênia	COMPANHIA DAS LETRINHAS
IRMÃOS GÊMEOS	Young So Yoo	Young Park	CALLIS EDITORA
OS FILHOTES DO VOVÔ CORUJA	Eun Hee Na	Sook Kyung Kim	CALLIS EDITORA
O SENHOR DAS HISTÓRIAS	Wellington Srbek	Will	EDITORA NEMO
OS GUARDADOS DA VOVÓ	Nye Ribeiro	Camila Saldanha	RODA & CIA EDITORA
POR QUE SOMOS DE CORES DIFERENTES?	Carmen Gil	Luiz Filella	GIRAFINHA
POR QUE OS GÊMEOS SÃO TÃO IGUAIS?	Carmen Gil	Inéz Luz González	GIRAFINHA
PRETINHO, MEU BONECO QUERIDO	Maria Cristina Furtado	Ellen Pestili	EDITORA DO BRASIL
UM POR TODOS, TODOS POR UM: A VIDA EM GRUPO DOS MAMÍFEROS	Cristina Santos	Leandro Lopes	CORTEZ EDITORA
VIAGEM AO MUNDO INDÍGENA	Luís Donisete Benzi Grupioni	Diversos ilustradores	BERLENDIS & VERTECCHIA EDITORES